

TÃO LONGE... TÃO PERTO...
A MÚSICA MIGRANTE

Artigo: Tático... 8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012
fluminense

Autor: Nilton Silva Jardim Junior

Resumo:

O presente trabalho se trata de uma apresentação do tema que pretendo desenvolver em minha pesquisa de doutorado acerca da cena rock independente fluminense. Nesta pesquisa, através de uma abordagem ligada à História Comparada, sociologia da cultura e etnomusicologia, pretendo, analisando os acontecimentos ligados ao Movimento Araribóia Rock e seu grupo dissidente Ponte Plural após a eleição de Jorge Roberto Silveira como prefeito de Niterói, até que ponto o posicionamento político ou não de ambos pode afetar seu crescimento na cena independente.

Abstract:

The present work intents to present what will be my doctorship research about Great Rio de Janeiro's independent rock scene. During this research, using an analysis mixing cultural sociology, comparative history and ethnomusicology, I intent to, analyzing facts concerning about "Movimento Araribóia Rock" and its spin off group from "Ponte Plural" after the election of Jorge Roberto Silveira as mayor of Niterói city, measure how much political issues can affect the development of underground cultural scene.

1- Fundação

Criado em 2008, o Movimento Araribóia Rock foi uma idéia dos produtores/agitadores culturais Marcelo “Blau Blau” Holanda e Pedro De Luna¹, para buscar, não só um maior apoio às bandas independentes, mas também buscar oportunidades reais de profissionalização para estes artistas. Ambos egressos da UFF (Universidade Federal Fluminense) e freqüentadores de longa data da cena independente niteroiense e carioca se associaram a outros agitadores do meio independente, tendo este objetivo em mente. Os dois buscaram estabelecer parcerias públicas e privadas que buscassem alcançar seus objetivos. “Nestes seis anos de atividades, o coletivo niteroiense realizou ações em parceria com instituições como a Secretaria Municipal de Cultura, o SEBRAE-RJ, a Universidade Federal Fluminense, o SESC-SG, o Conselho Municipal de Cultura, o Niterói Shopping e o Circuito Fora do Eixo. Além de empresas de bebidas como Itaipava e Mineirinho.”²

Outros parceiros que foram se juntando a eles, como grupo ligado a rádio Pop Goiaba³, além da própria gestão anterior da prefeitura da cidade⁴ que deu importantes apoios ao coletivo, através da Secretaria Municipal de Cultura. Isso permitiu ao coletivo Araribóia Rock realizar eventos como o projeto Rock Na Pista (com shows em praças e pistas de skate), o Dia Municipal do Rock e o Festival Araribóia Rock (comemoração anual do aniversário do coletivo) que em 2009 foi realizado no Teatro Popular de Niterói.⁵ Porém, o fim de mandato se aproximava e novos rumos tomariam conta da política cultural da cidade, obrigando a um replanejamento das atividades.

2- Novos Rumos

Mesmo após uma reunião com músicos e produtores culturais da cidade solicitando apoio dos mesmos, vários projetos culturais (como o já citado “Rock Na Pista”, por exemplo). Isso acabou levando ao posicionamento do coletivo, mobilizando a cena cultural da cidade (que passava por uma situação delicada com fechamento de espaços tradicionais como a “Cantareira”, por exemplo), cobrando promessas de campanha e denunciando condutas que o

¹ http://www.arariboiarock.com.br/site/index.php?page=quem_somos , acessado em 07/09/2012 às 11:30

² Idem , ibidem.

³ <http://www.proex.uff.br/radiopop.php>

⁴ Godofredo Saturnino da Silva Pinto (2005-2008), assumiu no lugar de Jorge Roberto Silveira que se afastou em 2005 para concorrer para o governo do estado.

⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Popular_de_Niter%C3%B3i , acessado em 07/09/12 às 11:50.

coletivo disc 8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012 ” da cidade. Essa situação acabou levando também a um “racha” no movimento, com saída dos membros Luiza Bittencourt e Daniel Domingues. Estes dois ex-membros fundaram o coletivo “Ponte Plural”, que passou a organizar a edição carioca do festival Grito Rock (até então organizado pelo “Araribóia Rock”) e se tornaram o ramo fluminense do movimento “Fora do Eixo”⁶. Esses fatos nos despertaram a curiosidades para o fato de, até que ponto o posicionamento político ou não de ambos pode afetar seu crescimento na cena independente e a formulação da seguinte hipótese:

Ao politizar e se posicionar contra a atual administração da prefeitura, o Movimento Araribóia Rock não só terá alguns entraves às suas atividades, como se concentrará muito mais na cena independente da área de Niterói e adjacências. Por outro lado, após o rompimento com o mesmo e firmar aliança com os participantes do coletivo “Fora do Eixo”, os participantes do coletivo “Ponte Plural” se tornaram partes de uma “engrenagem” nacional, ganhando mais notoriedade, mas, em contrapartida, perdendo também um pouco da sua identidade; visto que para se inserir no movimento há uma série de regras e obrigações a seguir.

3- Metodologia, Documentação e Literatura

Confesso que este ainda é um dos “calcanhares de Aquiles” do meu projeto. Após anos afastado da história e imerso nos campos da antropologia e etnomusicologia, acabei perdendo um pouco da familiaridade com a metodologia histórica. Com isso acredito que minha formação multidisciplinar, facilitará não só a readaptação com a história e a familiarização com a metodologia de história comparada, como também fornecerá novas contribuições vindas de quem tem uma vivência em outras ciências sociais. Pretendo mesclar história oral, metodologia antropológica (mais precisamente, metodologia de observação participativa) e trabalho de campo; junto com a análise de *newsletters* feita por ambos. Porém, não chega a ser um empecilho intransponível, já que, não é de hoje que há um intenso intercâmbio entre as diversas Ciências Sociais, ocorrendo uma influência recíproca e que este fato, inclusive, influenciou a abordagem da história comparada⁷.

Uma das premissas básicas atentadas pelas professoras Bustamante e Theml sobre a metodologia de história comparada, já é uma postura defendida pela antropologia desde Franz Boas que é o fato de ser “necessário afastar-se de todo o tipo de hierarquização de culturas e sociedades, de níveis de realidades estanques ou de supremacia de um domínio sobre o outro, pois existem diversas redes de imbricações, quando se tratam de fenômenos sociais, que não

⁶ <http://foradoeixo.org.br/>

⁷ Ver THEML, 2007: 9,10

são necessari⁸ 8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012 condições de serem percebidas e elucidadas quando se tornam objeto de uma abordagem comparativa pela construção de um conjunto de problemas, que perpassam as pesquisas da equipe disposta a trabalhar comparativamente.”⁸

Sobre esse assunto, será de grande ajuda o texto de Júlio Aróstegui, quando o mesmo fala de metodologia antropológica. Para Aróstegui a história é, em alguma medida, comparativa. O método histórico é sempre comparativo. Em alguma instância, todo o método da história vai ter alguma comparação. O que não quer dizer, necessariamente, que toda história é história comparada. Para isso há uma metodologia específica. A contribuição mais interessante, para nosso trabalho, que Aróstegui nos trouxe é o lembrete da necessidade de equilíbrio entre indivíduo e coletivo. Conforme ele mesmo diz, “o método histórico deve buscar os coletivos sem esquecer os indivíduos.”⁹ A metodologia de tratamento da documentação virtual e a metodologia de trabalho com história oral são outras duas pendências que busco resolver, que acredito que este texto me ajudará, com a classificação de fontes intencionais e não intencionais. Mas esse assunto será abordado mais adiante.

Sem me desligar totalmente da etnomusicologia, usarei como referência e contraponto a tese *Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos: A Música do Demônio na Cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz*, de Pedro Alvim Leite Lopes. Orientado por Gilberto Velho, o autor uma etnografia sobre o mundo artístico do gênero musical heavy metal na cidade do Rio de Janeiro e, em seguida, faz uma tentativa de compreensão da questão nativa encontrada em campo: por que o heavy metal, apesar de sua importância no panorama cultural brasileiro, é um mundo artístico tabu dos mais discriminados na cidade do Rio de Janeiro (e também ao redor do mundo)? Antigo freqüentador da cena *underground* da capital fluminense, a tese de Pedro serve como uma espécie de contraponto entre diferenças e semelhanças das dificuldades e táticas usadas no circuito independente. Vale lembrar que, uma importante diferença que encontrada é que, tanto em nossa pesquisa, quanto na de Lopes, nenhum dos envolvidos teve uma postura tão contundente em buscar parcerias com o poder público e cobrar do mesmo.

Outra ferramenta de importante auxílio na construção de minhas descrições etnográficas e elaboração de meus trabalhos de campo foram as obras *Mundo Funk Carioca* de Hermano Vianna e *A Arte de Pesquisar*, da professora Miriam Goldenberg, visto que minha formação acadêmica inicial fora em História Antiga e não estava habituado à prática do trabalho de campo. Repetindo uma estratégia de sucesso que tive na minha pesquisa de

⁸ THEML, 2007: 11

⁹ARÓSTEGUI, 2006: 458

mestrado, no 8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012 de pesquisa muito mais do que meramente observando. Estarei, além de observando com os olhares de pesquisador, também buscando negociar com a organização datas para bandas parceiras¹⁰ minhas tocarem e, sempre que possível, auxiliá-las nos eventos com o transporte e montagem de equipamentos. Além disso, nos eventos que não for viável uma banda parceira tocar, cobrirei os mesmos para o meu site www.cacofonia.tk como forma de ter um diário detalhado de meus trabalhos de campo, além de oferecer um retorno ao Movimento Araribóia Rock e aos movimentos Ponte Plural e Fora do Eixo, divulgando-os. Pretendo mesclar ao trabalho de campo a pesquisa a distância, através da internet, seja em *chats* e *e-mails* com Pedro e outros membros do movimento, seja através de questionários e enquetes no site e/ou comunidades do *Orkut* e grupos do *Facebook*.

Encerrando a parte mais bibliográfica, vale a pena citar a obra de Don Tapscott e Don Williams, *Wikinomics: Como a Colaboração em Massa Pode Mudar o Seu Negócio*. Estes autores mostram como, contrastando com a lógica do capitalismo tradicional, a economia colaborativa seria uma proposta em que um determinado projeto (como os programas *opensource*/código aberto como o sistema Linux) seria analisado e modificado melhorado por várias pessoas ao redor do globo em um sistema de colaboração em massa. Para estes autores a “nova colaboração em massa está mudando a maneira com as empresas e as sociedades utilizam o conhecimento e a capacidade de inovar para criar valor. Um novo tipo de empresa está surgindo – uma empresa que abre suas portas para o mundo, inova em conjunto com todos (sobretudo os clientes), compartilha recursos que antes eram guardados a sete chaves, utiliza o poder da colaboração em massa e se comporta não como uma multinacional, mas como algo novo: uma firma verdadeiramente global.” Isto é particularmente verdadeiro quando observado que o movimento “Fora do Eixo” congrega produtores e artistas de diversas partes do país e o próprio projeto “Grito Rock” acontece em várias cidades de América Latina.

As fontes com que trabalho são, em sua grande maioria, de origem digital produzidas pelos dois coletivos. São, basicamente, *newsletters* enviados via *e-mail* e atualizações dos sites www.arariboiarock.com.br, www.ponteplural.com.br e www.foradoeixo.org.br. Nesses *sites* além de atualizações de agenda de eventos, divulgação de bandas parceiras e coletivos associados, regras para se associar aos movimentos e artigos de membros dos coletivos; há matérias publicadas na imprensa escrita sobre os mesmos. Uma saída para classificar essas fontes seria dividi-las de acordo com os tipos citados acima, separando uma planilha para cada site.

¹⁰Nossas bandas parceiras são: Drama (dark rock), Stalker (*heavy metal* melódico) e Warfx (*thrash metal*).

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

Um c. 8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012 imprensa sobre os

coletivos. Esse material é um *clipping*¹¹ feito juntando matérias positivas para os organizadores do site, de uma forma ou outra. As matérias do coletivo Araribóia Rock, por exemplo, muitas vezes tem um quê de denúncia contra a atual prefeitura¹², críticas à situação da cultura na cidade e o descaso da prefeitura¹³ e a repercussão do livro do coordenador do movimento, Pedro de Luna, sobre o *underground* da cidade¹⁴, por exemplo. Os *sites* dos movimentos “Ponte Plural” e “Fora do Eixo” vem falando da participação de membros na “Semana de Calouros da ECO-UFRJ”, na USP, na causa da o software livre, em rodas e cursos do SENAC, etc.¹⁵ Tentarei também, pensar essas fontes dentro da classificação de Aróstegui de fontes intencionais e não intencionais, pois, se em certa medida a imprensa quando produz essas reportagens não tem, necessariamente, a intenção de divulgar os coletivos, por outro lado uma vez selecionadas e incluídas nos *websites* dos mesmos, as fontes adquirem uma certa intencionalidade, já que as matérias inclusas no meio eletrônico tem visíveis afinidades com os objetivos dos coletivos.

Uma exceção a essas fontes é o livre lançado por Pedro De Luna (coordenador do Movimento Araribóia Rock), *Niterói Rock Underground (1990-2010)*, falando sobre sua experiência no meio independente da cidade desde a década de noventa. Este livro fornecerá ambientação necessária sobre o meio independente da cidade. Mesmo sendo de grande valor, visto a nossa pouca familiaridade com a cena niteroiense, deve ser visto com cuidado, já que é uma fonte intencional.

4- Originalidade e corte temporal

Por ora, não tenho notícia de nenhum trabalho acadêmico escrito sobre estes coletivos na área de História ou de qualquer outra ciência social. Em antigas atas de congressos da ANPPOM (Associação Nacional de Pós-graduação em Música) achamos trabalhos na área de etnomusicologia sobre coletivos e eventos similares no país. Porém, não encontrei ainda nada similar na área de História.

Este trabalho esta dentro do campo denominado “História do Tempo Presente” indo desde 2008 (data da criação do Movimento Araribóia Rock) até, 2012 – fazendo alguns recuos até fins da década de 1990, afim de entender o contexto que inspirou a criação do mesmo. Apesar de o movimento completar oito anos em 2012, o ano de 2010 é um ano chave, na minha opinião. É neste ano que acontece a eleição do prefeito Jorge Roberto Silveira e,

¹¹ seleção de material publicado na imprensa, visando, na maioria das vezes, mostrar a relevância de um artista ou projeto cultural na hora de uma contratação ou seleção de edital de patrocínio, por exemplo

¹² Ver <http://www.arariboiarock.com.br/site/index.php?page=visu&id=429> acessado em 09/04/2012 às 09:58.

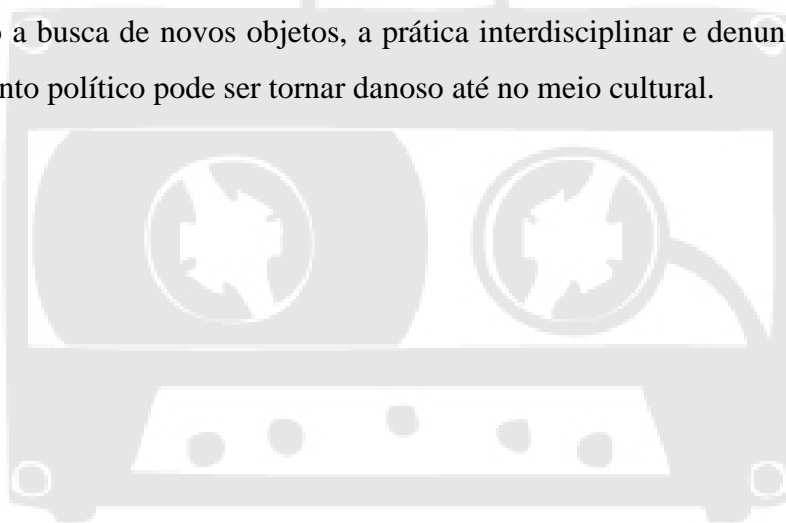
¹³ Ver <http://www.arariboiarock.com.br/site/index.php?page=visu&id=420> acessado em 09/04/2012 às 10:00.

¹⁴ Ver <http://www.arariboiarock.com.br/site/index.php?page=visu&id=428> acessado em 09/04/2012 às 10:04.

¹⁵ Ver <http://casa.foradoeixo.org.br/blog/category/destaques/> e http://pontoplural.com.br/?page_id=62 ou <http://pontoplural.com.br/?cat=8>,

consequentes. 8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012 cultura. Com isso, aconteceu a já mencionada cisão no movimento, produzindo o coletivo “Ponte Plural” e sua consequente parceria com o movimento “Fora do Eixo”. Com isso, projetos antes feitos pelo Movimento Araribóia, como o já citado “Grito Rock RJ”, passaram a levar o logo do coletivo “Ponte Plural”. Esse ano, então, marca o nascimento do coletivo “Ponte Plural” e, com isso, o nascimento de nosso objeto de pesquisa, que são as diferentes táticas usadas por ambos. No fundo, no fundo, o que vemos são duas visões de mundo diferente acerca do empreendedorismo cultural e do papel do poder público. Essas visões se tornam mais visíveis a partir do ano de 2010.

Espero, com este trabalho, dar minha humilde contribuição à historiografia incentivando a busca de novos objetos, a prática interdisciplinar e denunciar até que ponto o posicionamento político pode ser tornar danoso até no meio cultural.



TÃO LONGE... TÃO PERTO...
A MÚSICA MIGRANTE

9- Bibliografia 8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa Histórica: teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

BECKER, Howard. Art Worlds. Berkley: Univeristy of California Press, 1994

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar. São Paulo: Record, s/d

LOPES, Pedro Leite Alvim. Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos: A Música do Demônio na Cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 2006.

TAPSCOT, Don e WILLIAMS, Anthony D. Wikinomics: Como a Colaboração em Massa Pode Mudar o Seu Negócio. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2007.

THEML, Neyde e BUSTAMANTE, Regina. História Comparada: Olhares Plurais.

In: Revista de História Comparada. Rio de Janeiro: volume 1, número 1, jun./2007.

VIANNA, Hermana. O Mundo Funk Carioca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Sites consultados

Festival Fora do Eixo

<http://festival.foradoeixo.org.br/>

Grito Rock Rio de Janeiro

<http://www.gritorockrj.com.br/2010/>

Movimento Araribóia Rock

<http://www.arariboiarock.com.br>

Ponte Plural

www.ponteplural.com.br